



Poema

VIEIRAVOZ

Paulo Nunes - UNAMA

0 a 1,5 graus de latitude sul
Esboça-se o projeto do berço do anti-Cristo,
Maranhã, o mar que corre,
Grã Pará, o mar grandíssimo,
são altares do cordeiro imolado?

O olho de Parah-assu
cintila sonhos de um ontem que está por vir.
No *teatrum mundi*
sangue, patichouli e cumaru
evolam-se feito orquídeas
(*pecado in-existe ao lado de baixo do Equador?*).
Um guerreiro de Cristo
Utiliza-se de *anima*
alfinetes,
entretanto, preto de percalina, é
o livro
Araras gargalham nuvens:
o céu assa-se em sóis,
afinal o burel grosso, tintado de preto,
é via de desconforto
(isso não é nada afinal há, pois, o por vir)

e de indiferença, ou quase.
O rio da Amazonas é Babel de
Nheengaíbas,
os que burilam fonemas de redes
(mesmo que faltem L, R, F)
A porta da grande ilha
- que inda não é Ítaca -
se fecha ao holandês:

*na grande boca do rio das Amazonas está atravessada
uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino
de Portugal, e habitada de muitas nações de índios, que,
por serem de línguas diferentes e dificultosas, são chamados
geralmente Nheengaíbas [...] Em princípio, receberam
estas nações aos portugueses em boa amizade; mas
conhecendo que o nome de paz com que vinham era
disfarce que para logo se declarava em cativoiro,
tomaram as armas e começaram a fazer-lhes guerra...*

Cautela, astúcia e entusiasmo:
Vieira, a sarça de fogo.

Mesmo um Padre-Açu sucumbe diante do inimigo
(o dragão que se vinga do arcanjo Miguel?)
Na cidade, a Velha, o corredor polonês
por onde passam os
in-santificados:
- Urubus, urubus, urubus!
Diz o coro da turba ignara.
E António e seus pares baixam a cabeça, ou quase
mas ele,
que assinara em vozes várias,
não tem pendor acabrunhado,
levanta os olhos ao açazeiro,
a planta que chora,
e declama:
Belém, que nunca serás feliz
dado que és a pátria do anti-Cristo.





Esta revista foi impressa pela gráfica
Grapel em junho de 2008, na cidade
de Belém-Pará, para a Editora
Unama.
O papel do miolo é
e o da capa